

**HUGH E MELODIE CROWTHER
DESCOBRIRAM HÁ 10 ANOS O LUGAR
IDEAL PARA SE ENRAIZAREM
EM TERRAS ALGARVIAS.**

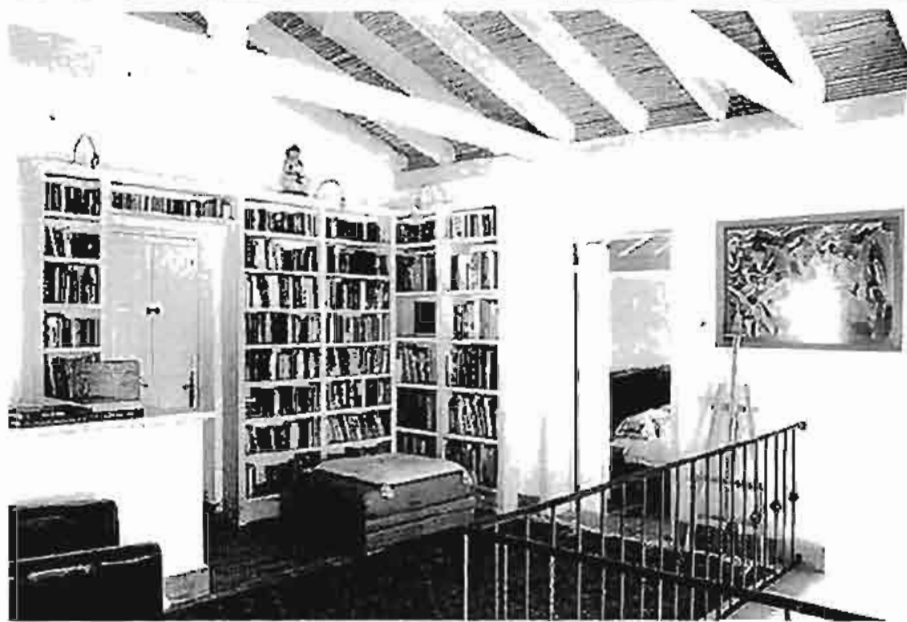
As paredes degradadas desta casa rural não os assustaram de forma alguma, antes pelo contrário. Após terem trabalhado em todos os continentes do Globo e restaurado habitações no Texas, na Índia, na Inglaterra e na África do Sul, foi justamente na zona de Loulé que se apaixonaram pelas pedras desta ruína de dois andares – e a transformaram numa magnífica habitação, sem alterar a traça original. «Encontrámos uma palavra bonita num dicionário, “cabeça-de-vento”, a partir do inglês “stargazer,

daydreamer”, e achámos que era o nome perfeito para este sítio com a paisagem aberta e as estrelas cá em cima», conta-nos Melodie Crowther. «Quando iamos registar a propriedade as pessoas começaram a rir-se e inicialmente não percebíamos porquê. Mais tarde percebemos que a tradução se calhar não foi a melhor e que na realidade significava mais “head in the wind”, o que de facto tem piada... Mas já gostávamos tanto do nome que acabou por ficar.»

UM TESTEMUNHO DE PEDRA

Arregaçando as mangas, este casal sul-africano iniciou a metamorfose da velha ruína, que evoluiu – sem

**A «montanha
de pedras»
remanescente
da intervenção foi
bem aproveitada
nos arranjos
paisagísticos.**



Em redor, para além das zonas de jardim, a presença da vizinha Reserva Natural, com milhares de hectares

As obras arrancaram em finais de 2004 e a funcionalidade tornou-se uma das prioridades.

nunca ultrapassar. sublinhe-se, a área de construção original – para uma moradia ampla e acolhedora, apesar de ter sido «complicada tornar uma toca de coelho numa casa feita para uma vida moderna».

No meio dos arbustos do jardim acharam uma ombreira em pedra, de uma janela, com a inscrição «1916» e as iniciais dos antigos proprietários mencionados no registo. Hugh e Melodie decidiram colocá-la no interior da habitação: constitui hoje um elemento decorativo na cozinha, sobre a salamandra, bem como um presumível testemunho do ano de construção da casa. «Chegámos a viver aqui com metade da casa ainda em construção», recorda o nosso anfitrião, acrescentando: «Foi crescendo de uma forma natural. Tivemos tempo e estivemos cá para ponderar como a queríamos, vivemos o desenvolvimento e podíamos acordar de manhã e dizer que esta pedra ficava

melhor aqui do que acolá. Só assim obtivemos uma ideia muito profunda do funcionamento da própria casa e das suas potencialidades, mantendo sempre o controlo das obras.»

ENTRE O RÚSTICO E O CONTEMPORÂNEO

As obras arrancaram em finais de : e a funcionalidade tornou-se uma das prioridades: foi criada, por exer uma divisão para as máquinas de l a roupa com acesso directo e prático estenda!, nas traseiras, e reconverti uma das antigas pocilgas, de dois andares, numa área para receber convidados, com um único piso. «Decidi criar uma parte em open space, mais moderna, no interior,

fazendo na ventania com que a casa mantivesse ao mesmo tempo o seu estilo antigo graciosamente rústico no seu exterior», esclarece Melódie ao mostrar-nos a ampla sala de estar, com tecto tradicional de vigas de madeira e canas, altas janelas com caixilho de madeira e portas igualmente de madeira, que se abrem para o jardim e para a vizinha Reserva Natural, com milhares de hectares.

Apostando tanto em materiais arquitectónicos como em elementos decorativos antigos e recicláveis «sempre que possível», o casal foi adquirindo ao longo do tempo, aqui e acolá, desde a pedra de moagem agora colocada no chão na sala de jantar até portas, janelas, corrimãos, peças em ferro forjado e estruturas dos mais variados tipos. As portas de madeira, com cerca de 200 anos, que vemos nos armários de cozinha evocam a pastagem dos nossos interlocutores pelo Barém, onde as receberam como oferta de um xeique que submetera o seu palácio a modernizações.



«Não utilizámos as vigas escuras de eucalypto porque achámo-las muito pesadas», explica ainda a proprietária. «Quería manter-me perto do design português mas não se pode ter ideias estatísticas. Encontrei

um delirioso pequeno livro no Museu de Faro, com medidas e proporções exactas de vários estilos de janelas e portas antigas, que descrevia os estudos arquitectónicos da restauração da 'cidade velha' de Faro. E mesmo



 **diadecor**
group

www.diadecor.com

Construímos
o seu sonho!



Aberto dias Úteis e Fins de Semana

Estrada nacional n.º 109, Coutada, 2415-138 Regueira de Pontes - Leiria

Tel: 244 619 140 | Fax: 244 619 149 | info@diadecor.com



Sem nunca ultrapassar a área de construção original, a velha ruína evoluiu para uma moradia ampla e acolhedora

Pronto para novos desafios, o casal já tem em mente novas iniciativas de restauro de habitações.

um manual para aprender de forma autodidacta. Nunca estudei Arquitectura mas como designer gráfica tenho experiência em equilibrar as coisas. Apostámos nas paredes grossas que funcionam muito bem neste clima.»

→ AVANÇAR A POUCO É POUCO

«Foi tudo feito a pouco e pouco», esclarecem Hugh e Melodie.

«Foi difícil convencer os homens que nos rebocaram as paredes de que não era preciso fazer tudo direitinho. Sendo uma casa antiga não faz mal haver pequenas imperfeições.»

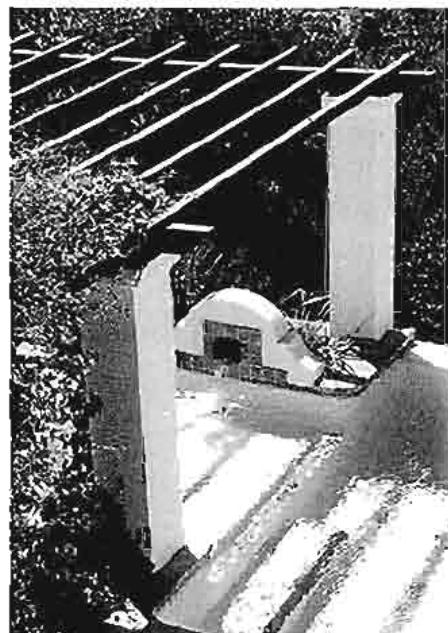
Quando, finalmente, a reconstrução ficou concluída, o casal dedicou-se ainda aos arranjos paisagísticos e conseguiu aproveitar, em sítios estratégicos, a «montanha de pedras» remanescente das obras.

Quase organicamente inserida na paisagem, esta habitação alonga-se

por cerca de 500 metros quadrados, com todas as suas divisões esteticamente interligadas, mantendo cada uma, no entanto, a sua privacidade. A casa está directamente voltada para sul, ao longo de um eixo leste-oeste, pelo que foi dada especial atenção ao conceito «solar passivo» na arquitectura, com coberturas a proteger o interior do sol de Verão e que possibilitam, durante o Inverno, a entrada dos raios solares no interior. Nos dias mais frios no Inverno o casal dispõe do sistema de aquecimento proporcionado pelo piso radiante, na parte mais moderna da casa, utilizando a energia produzida pelos painéis solares instalados no terreno. Inspirando-se nas tradicionais torres de vento dos árabes, Hugh Crowther projectou diversas aberturas no edifício que permitem lilar partido dos ventos e brisas que sopram no sentido sul-oeste para a renovação de ar nos interiores.

→ «AR-CONDICIONADO NATURAL»

«Tivemos esta ideia dos tempos em que vivemos no Barém onde existem torres que, de forma natural, conduzem o vento de cima para baixo e através da casa. E na Índia ficámos a conhecer o que lá chamam «refrescadores do deserto», explica, adiantando que optaram por usar o processo quando descobriram um sistema de alta tecnologia australiano baseado no arrefecimento através da evaporação. Colocaram esse sistema em cima



da torre, permitindo assim um fluxo constante de ar filtrado, humidificado e refrescado para todas as partes da casa.

«Temos uma caixa com paredes húmidas e com uma ventoinha que conduz o ar para os filtros, e este entra na casa humidificado e mais fresco. Normalmente abrimos algumas das janelas na parte leste para conseguirmos uma corrente através das condutas.»

Segundo o nosso interlocutor «não é só a temperatura que torna agradável este sistema de «ar-condicionado natural»; mas também o facto de o ar fluir com a sua humidade». É sublinha, em síntese. «Se estiverem

Quase organicamente inserida na paisagem esta habitação alonga-se por cerca de 500 metros quadrados.



trinta e cinco graus lá fora, consegue-se uma temperatura de vinte e cinco aqui dentro e é muito mais confortável do que com os sistemas que conhecemos. Utiliza vinte por cento menos de energia e não contém nenhum dos elementos que prejudicam a camada de ozono, ao contrário dos sistemas convencionais

de ar-condicionado. De facto, quanto mais quente fica, maior se torna a capacidade de refrescar, exactamente o contrário dos sistemas de ar-condicionado "normais". É fácil, é económico e tem obviamente as suas vantagens ecológicas. Nunca escolheria outro sistema.»

Pronto para novos desafios, o casal já tem em mente novas iniciativas de restauro de habitações, embora, como confessa Melodie, a Quinta Cabeça de Vento tenha representado, de facto, uma experiência inesquecível: «Remodelar esta casa deu muito trabalho, mas aprendemos tanto. E valeu sem dúvida a pena.»

6



FUNDIARTE

A ARTE DE TRABALHAR O ALUMÍNIO



Estrada da Aberta Nova - 7570-505 Melides - Telefone 269 907 128 Fax 269 907 3

E-mail: fundiarte@fundiarte.pt

www.fundiarte.pt